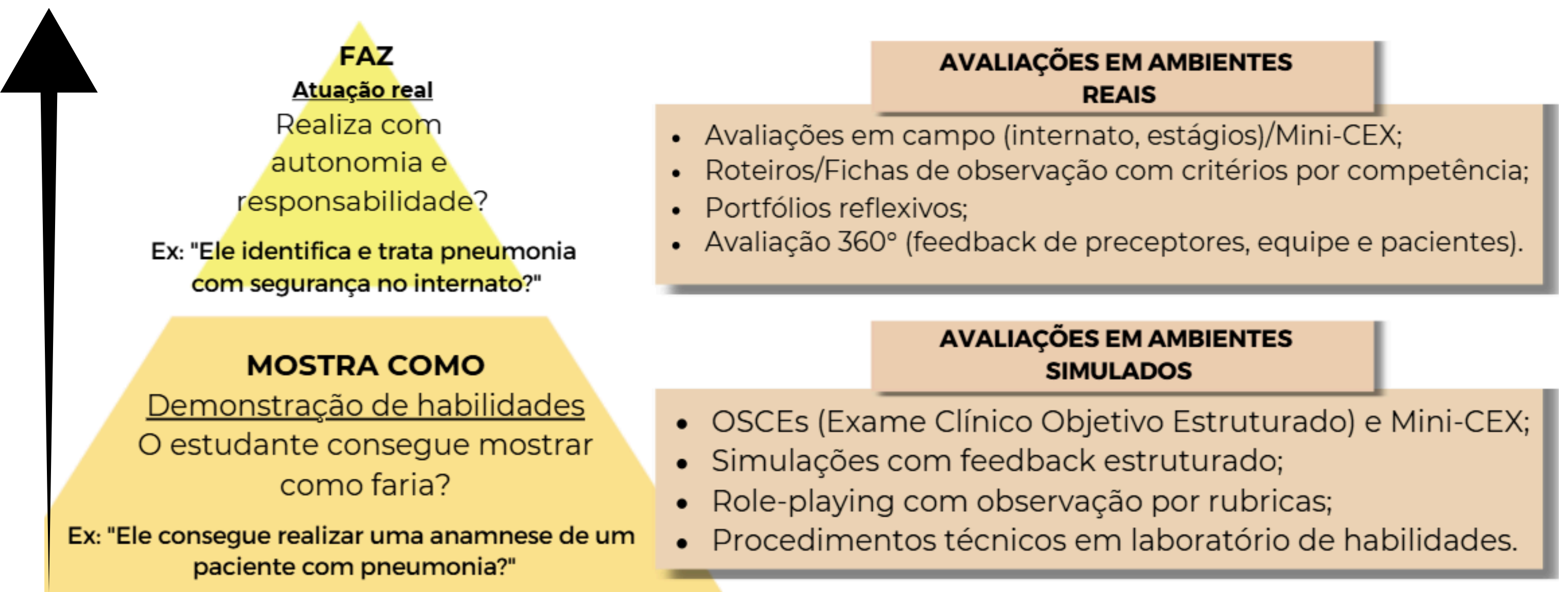


Como Avaliar os Níveis "Mostra como" e "Faz"?

Nos dois níveis mais altos da pirâmide de Miller, o objetivo é verificar se o estudante consegue executar tarefas clínicas, seja em cenários simulados (mostra como), seja na prática real com pacientes (faz).

Aqui, a avaliação vai além de "responder certo" — é observar, registrar e dar feedback.



NÍVEL "MOSTRA COMO" – DEMONSTRAÇÃO DE HABILIDADES

O estudante precisa demonstrar que sabe aplicar o conhecimento na prática, em condições controladas. Veja alguns exemplos de instrumentos:



OSCE (EXAME CLÍNICO OBJETIVO ESTRUTURADO):

Avalia habilidades clínicas, comunicação e raciocínio em estações de simulação (procedimentos, comunicação, exame físico, interpretação de resultados). Cada estação tem tarefa clara, tempo limitado e critérios objetivos de pontuação. Dicas:

- 1 Defina objetivos claros para cada estação.
- 2 Use pacientes simulados ou manequins com roteiro consistente.
- 3 Mantenha tempo suficiente para a execução da tarefa (geralmente 5 a 10 minutos).
- 4 Use checklist ou rubrica para registro padronizado.
- 5 Treine avaliadores para manter consistência.
- 6 Realize o feedback individual do estudante ao final de cada estação.



MINI-CEX (MINI CLINICAL EVALUATION EXERCISE):

Observação direta de um atendimento clínico simulado ou real, com feedback imediato.

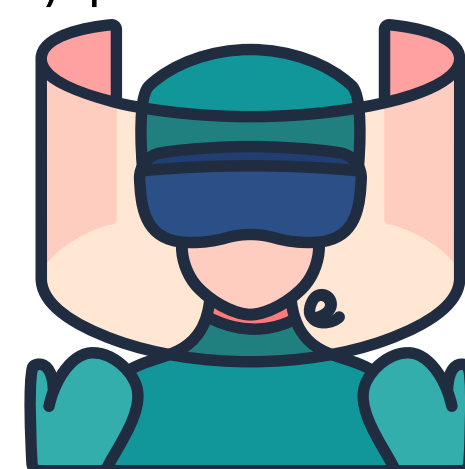


- Escolha um cenário clínico relevante para o nível do aluno.
- Limite a tarefa a um aspecto (ex.: anamnese focada, exame de um sistema).
- Observe todo o processo, da abordagem inicial à finalização.
- Forneça feedback construtivo logo após a execução.
- Registre desempenho com base em critérios claros.
- Repita em diferentes momentos para avaliar a evolução.

SIMULAÇÕES COM FEEDBACK ESTRUTURADO:

Atividades em cenários realistas (com manequins, atores ou realidade virtual) para avaliar aplicação prática de conhecimentos e habilidades clínicas.

- Defina o objetivo da simulação (ex.: atendimento de parada cardiorrespiratória).
- Mantenha o cenário próximo à realidade, com todos os recursos necessários.
- Estabeleça critérios objetivos de observação (checklist ou rubrica).
- Observe postura, raciocínio, comunicação e tomada de decisão.
- Forneça feedback estruturado logo após a atividade, reforçando pontos fortes e sugerindo melhorias.



ROLE-PLAYING COM OBSERVAÇÃO POR RUBRICAS:

Interpretação de papéis (paciente, médico, familiar) para treinar e avaliar comunicação, empatia, ética e tomada de decisão.



- Contextualize o papel de cada participante e o objetivo da cena.
- Use situações que exijam habilidades comunicacionais e de relacionamento.
- O avaliador registra comportamentos observáveis usando rubrica pré-definida.
- Evite improvisos sem critério: siga um roteiro claro e padronizado.
- Finalize com devolutiva focada nos comportamentos observados, não na pessoa.

PROCEDIMENTOS TÉCNICOS EM LABORATÓRIO DE HABILIDADES:

Treino e avaliação de técnicas específicas (ex.: punção venosa, intubação, sutura) em ambiente controlado e seguro.

- Escolha o procedimento de acordo com o nível de formação do estudante.
- Disponibilize todos os materiais necessários e em bom estado.
- O avaliador acompanha a execução, registrando cada etapa no checklist.
- Corrija erros na hora para evitar fixação de práticas incorretas.
- Garanta que o estudante repita até atingir o padrão de qualidade esperado.



NÍVEL “FAZ” – AVALIAÇÃO EM PRÁTICA REAL

AVALIAÇÕES EM CAMPO (INTERNATO, ESTÁGIOS):

Observação direta de atendimentos reais, com registro imediato do desempenho e devolutiva ao estudante.



- Escolha casos adequados à complexidade esperada para o nível do aluno.
- Observe desde a abordagem inicial até o fechamento da consulta.
- Registre aspectos como anamnese, exame físico, raciocínio clínico, conduta e postura ética.
- Utilize formulários ou rubricas para garantir padronização.
- Forneça feedback construtivo.

ROTEIROS / FICHAS DE OBSERVAÇÃO COM CRITÉRIOS POR COMPETÊNCIA:

Ferramentas estruturadas para guiar a avaliação do desempenho do estudante em campo, garantindo que todas as dimensões da competência sejam observadas.

- Defina claramente quais competências serão avaliadas (conhecimento, habilidades, atitudes).
- Organize a ficha de forma simples e objetiva, com indicadores observáveis.
- Inclua espaço para observações qualitativas além da pontuação.
- Use sempre que houver atividade prática, para manter registro histórico.
- Revise periodicamente os critérios, alinhando-os aos objetivos do módulo/internato.



AVALIAÇÃO 360° (FEEDBACK DE PRECEPTORES, EQUIPE):

Coleta de percepções de diferentes atores envolvidos na prática do estudante, ampliando a visão sobre seu desempenho.



- Identifique quais grupos darão feedback (ex.: preceptores, residentes, equipe multiprofissional).
- Use formulários curtos e objetivos, com linguagem acessível.
- Inclua aspectos técnicos, comunicacionais e comportamentais.
- Garanta anonimato quando necessário, para evitar respostas enviesadas.
- Discuta os resultados com o estudante, estimulando autorreflexão e plano de melhoria.

PORTFÓLIO REFLEXIVO:

Registro contínuo de experiências, casos atendidos, reflexões e evidências de aprendizagem.

- Oriente sobre o que registrar (tipos de casos, reflexões, feedbacks recebidos).
- Avalie não só a quantidade, mas a qualidade das reflexões.
- Use como base para conversas tutorais.
- Inclua autoavaliação e metas de melhoria.
- Revise periodicamente, não apenas no final do estágio.



CBD (CASE-BASED DISCUSSION) - DISCUSÃO DE CASOS:

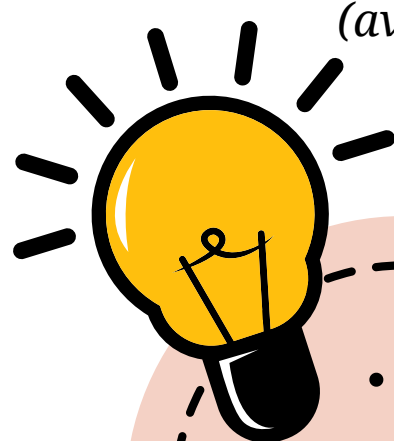
Discussão estruturada de um caso real atendido pelo estudante, avaliando raciocínio clínico, tomada de decisão e aplicação de protocolos.

- Selecione casos que o aluno tenha participado ativamente.
- Estructure perguntas para explorar raciocínio e justificativas.
- Inclua aspectos éticos, científicos e de segurança do paciente.
- Registre pontos fortes e oportunidades de melhoria.
- Use como parte de uma avaliação longitudinal.



Uma avaliação mal estruturada mede impressões pessoais; uma avaliação bem estruturada mede comportamentos e competências observáveis. Veja os exemplos:

p. ex.: Procedimento técnico	<p>ORIENTAÇÃO INADEQUADA</p> <p>Realize a punção venosa no boneco.</p> <p><i>(enunciado genérico, sem critério claro para o avaliador)</i></p>	<p>ORIENTAÇÃO ADEQUADA</p> <p>Realize a punção venosa no manequim de forma segura e tecnicamente adequada, como faria com um paciente real.</p> <p><i>(o avaliador usará checklist para registrar se todos os passos foram cumpridos)</i></p>
p. ex.: Comunicação clínica	<p>ORIENTAÇÃO INADEQUADA</p> <p>Converse com o paciente simulado sobre o diagnóstico.</p> <p><i>(sem objetivo específico)</i></p>	<p>ORIENTAÇÃO ADEQUADA</p> <p>Explique ao paciente simulado o diagnóstico de pneumonia e conduza a conversa de forma clara, empática e compreensível.</p> <p><i>(o avaliador usa rubrica para verificar clareza, empatia, linguagem, verificação de compreensão etc.)</i></p>
p. ex.: Discussão de caso	<p>ORIENTAÇÃO INADEQUADA</p> <p>Peça para o aluno relatar um caso atendido.</p> <p><i>(avaliação descritiva, sem foco)</i></p>	<p>ORIENTAÇÃO ADEQUADA</p> <p>Solicite que o estudante apresente um caso atendido recentemente, descrevendo conduta e justificativas baseadas em evidências ou protocolos vigentes.</p> <p><i>(o avaliador pontua raciocínio, coerência, fundamentação e postura profissional)</i></p>



Fica a dica final:

- Avalie no contexto certo — não cobre o “Fazer” sem antes garantir o “Mostrar como”.
- Dê feedback imediato no “Mostra como” e feedback contínuo no “Faz”.
- Use sempre critérios claros e observáveis — isso dá segurança ao estudante e ao avaliador.

